

A primeira
oração de Jéssica



A primeira oração de Jéssica



Hesba Stretton



São Paulo, SP

Copyright © 1867, Hesba Stretton (Sarah Smith)

Ilustrações por Walter Jenks Morgan

Título do original: Jessica's first prayer

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.ª edição: 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Edição e tradução: *Paula Jacobini*

Revisão de texto: *Jorge A D Romero*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stretton, Hesba, 1832-1911.

A primeira oração de Jéssica / Hesba Stretton; tradução
Paula Jacobini. – São Paulo: Editora Gadel, 2024.

84 p.: il., 21 cm

Tradução de: Jessica's first prayer

ISBN 978-65-981342-6-6

1. Cristianismo – Literatura infantojuvenil 2. Orações –
Literatura infantojuvenil I. Título.

24-198164

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Orações : Literatura infantil 028.5
2. Orações : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415





Sumário

1. A banca de café e seu dono.....	7
2. A tentação de Jéssica	15
3. Um velho amigo em trajes novos	23
4. Espreitando a terra das fadas	33
5. Um novo mundo se abre.....	41
6. A primeira oração.....	47
7. Perguntas difíceis.....	51
8. Um visitante inesperado	57
9. A primeira oração de Jéssica atendida	65
10. A sombra da morte.....	75







Capítulo
1

A banca de café e seu dono

Num canto protegido e isolado de uma das muitas pontes ferroviárias que atravessam as ruas de Londres, podia-se ver, há alguns anos, das cinco horas da manhã até às oito e meia, uma cafeteria bem organizada, consistindo de um cavalete e uma tábua, sobre os quais havia duas grandes latas com um pequeno fogo de carvão aceso embaixo de cada uma, para manter o café fervendo durante as primeiras horas da manhã, quando os trabalhadores se amontoavam na cidade em seu caminho diário para o trabalho.

A cafeteria era uma das preferidas pelas pessoas que passavam por ali, pois, além de ficar abrigada – o que era de grande importância nas manhãs de chuva –, era montada em um ponto tão privado que os clientes

que tomavam o desjejum ao ar livre não ficavam demasiado expostos para repararem; e, além disso, o dono da cafeteria era um homem quieto, que se preocupava apenas em servir os trabalhadores ocupados, sem atrapalhá-los com qualquer fofoca.

Ele era um homem alto, magro e idoso, com um rosto singularmente solene e modos graves e reservados. Ninguém sabia seu nome nem onde morava; exceto, talvez, o policial que passava pela banca de café a cada meia hora e acenava familiarmente para o homem solene atrás dela. Eram muito poucos os que se dignavam a fazer qualquer pergunta sobre ele, mas aqueles que o fizeram só puderam descobrir que ele guardava a mobília de sua banca num café vizinho, para onde transportava o cavalete, a tábua e a louça todos os dias, o mais tardar às oito e meia da manhã; depois disso, ele costumava deslizar para longe com passos suaves e um ar misterioso e fugitivo, com muitos olhares para trás e de soslaio, como se temesse ser observado, até perder-se entre as multidões que se aglomeravam nas ruas.

Ninguém jamais teve a curiosidade de rastreá-lo até sua casa ou de descobrir seus outros meios de ganhar a vida; mas, em geral, sua banca estava rodeada de

clientes, a quem ele atendia com uma seriedade silenciosa, e que não hesitavam em pagar-lhe o preço do café fresco que lhes fornecia.

Por vários anos, a multidão de trabalhadores parava junto à banca de café sob o arco da ferrovia, quando uma manhã, num rápido intervalo de seus negócios, o proprietário percebeu, de repente, um par de olhos escuros e muito brilhantes fixos nele e nas fatias de pão com manteiga em sua tábua, com um olhar tão faminto quanto o de um rato que foi levado pela fome para uma armadilha. Um rosto magro e mirrado pertencia aos olhos, que estavam meio escondidos por uma massa de cabelo emaranhado que caía sobre a testa e descia pelo pescoço – a única cobertura que a cabeça ou o pescoço tinham, pois um vestido esfarrapado, mal amarrado com cordões quebrados, escorregava sobre os ombros trêmulos da menina.

Abaixando-se sobre uma cesta atrás de sua banca, ele avistou dois pezinhos descalços saindo da calçada úmida, enquanto a criança levantava primeiro um e depois o outro e os colocava um sobre o outro para ganhar uma sensação momentânea de calor. Quem quer que fosse a infeliz criança, ela não falou; só que a cada xícara fumegante que ele servia de sua lata, os

olhos escuros da menina brilhavam famintos, e ele podia ouvi-la estalar os lábios finos, como se imaginasse que estava saboreando o café quente e perfumado.

— Ah, vamos lá — disse ele por fim, quando restava apenas um garoto tomando seu café da manhã sem pressa, e ele se inclinou sobre sua banca para falar em tom baixo e calmo — por que você não vai embora, garotinha? Vamos, vamos; você já ficou aqui muito tempo, não acha?

— Já estou indo, senhor — ela respondeu, encolhendo os pequenos ombros para puxar o vestido para cima, em volta do pescoço — só que está chovendo muito; e a mãe esteve fora a noite toda e levou a chave com ela; e é tão gostoso sentir o cheiro do café; e a polícia me deixou em paz enquanto fiquei aqui. Eles pensam que sou uma cliente tomando meu café da manhã.

E a criança deu uma risada estridente de zombaria de si mesma e do policial.

— Suponho que você não tenha tomado café da manhã — disse o dono da banca de café, com a mesma voz baixa e confidencial e inclinando-se sobre a banca até que seu rosto quase tocasse as feições finas e marcantes da criança.

— Não — ela respondeu friamente — e vou desejar muito meu jantar quando chegar a hora, tenho certeza. O senhor não sente muita fome com frequência, não é, senhor? Ainda não estou reclamando, sabe? Mas é que até chegar a hora do meu jantar será muito ruim, eu lhe garanto. Ah, muito ruim mesmo!

Ela se virou com um aceno de cabeça, como se quisesse dizer que teve uma experiência na vida que ele desconhecia, mas, antes de dar meia dúzia de passos, ouviu a voz calma chamando-a em um tom bem mais alto, e num instante ela estava de volta à banca.

— Entre aqui — disse o proprietário, num sussurro cauteloso. — Aqui: sobrou um pouco de café e algumas cascas. Pronto. Você não deve voltar aqui nunca, entendeu? Nunca dou nada a mendigos; e se você ficasse implorando eu teria chamado a polícia. Pronto; coloque seus pobres pés perto do fogo. Agora, você está confortável?

A criança olhou para cima com uma expressão de intensa satisfação. Ela estava sentada num cesto vazio, com os pés perto da panela de carvão e uma xícara de café fumegante no colo, mas sua boca estava cheia demais para que pudesse responder, a não ser com um

aceno de cabeça muito profundo, que expressava uma alegria imensurável.

O homem ficou ocupado por um tempo arrumando sua louça, mas, de vez em quando, parava para olhar para ela e balançar a cabeça.

— Qual o seu nome? — ele perguntou, finalmente — Mas não, deixe para lá! Eu não me importo com o nome. E eu lá tenho motivo para saber seu nome?

— É Jéssica — disse a menina — mas a mãe e todo mundo me chama de Jess. O senhor estaria cansado de ser chamado de Jess, se fosse eu. É Jess aqui, e Jess ali; e todo mundo querendo que eu fique fazendo tarefas. E eles não hesitam em me dar tapas, chutes e beliscões. Olhe aqui!

Se os braços dela estavam pretos e azuis por causa do frio ou do mau jeito, ele não sabia dizer, mas balançou a cabeça novamente, sério, e a criança se sentiu encorajada a continuar.

— Eu gostaria de poder ficar aqui para todo o sempre, assim como estou agora! — ela exclamou. — Mas eu sei que o senhor vai embora; e nunca mais voltarei, ou o senhor vai mandar a polícia atrás de mim!

— Sim — disse o dono da banca de café muito suavemente; e, olhando em volta para ver se havia

alguma outra criança esfarrapada à vista — se você prometer não voltar por uma semana inteira e não contar a mais ninguém, você pode vir mais uma vez. Vou lhe dar algo para comer de novo. Mas você deve ir embora agora.

— Estou indo, senhor — disse ela, bruscamente — mas se o senhor tiver uma tarefa que eu possa fazer bem, eu farei. Deixe-me carregar algumas de suas coisas.

— Não, não — exclamou o homem — vá logo, como uma boa menina, e lembre-se: não vou ver você novamente por uma semana inteira.

— Tudo bem — respondeu Jess, saindo pela rua chuvosa em uma corrida rápida, como se quisesse mostrar que concordava com o acordo; enquanto o dono da banca de café, com muitos olhares cautelosos ao seu redor, transferia seu estoque para a cafeteria mais próxima e não foi mais visto durante o resto do dia nas proximidades da ponte ferroviária.

